

“Um livro com personagens maravilhosos e cenários de sonho.
Impossível não se apaixonar.” — *The Sun*

Minha querida Paris



Uma cidade de memórias. Um verão de possibilidades...

Lucy Diamond



Capítulo Um

É ele de novo?, pergunta-se Adelaide ao ver alguém se aproximando da casa. O vidro das enormes janelas está sujo, mas, ainda assim, não há dúvidas em relação à altura, ao andar, à maneira como ele movimenta a cabeça enquanto olha para Adelaide. Ela sente algo se revirar por dentro, a náusea se torna mais forte. Como ele sabia onde encontrá-la? E por que não a deixa em paz?

Ela o ouve abrir a porta. O que deve fazer? Toda a situação tinha se agravado com uma rapidez enervante. Alguns meses antes, o homem não passava de um rosto na multidão, alguém que Adelaide vira encarando-a no Prince of Wales, a algumas mesas de distância. Depois, ela continuou a percebê-lo: uma figura solitária esperando na mesma plataforma do metrô, passeando pelas lojas do lado de fora do ateliê dela, matando tempo perto da padaria onde Adelaide sempre compra pão. Coincidência, disse a si mesma, na primeira vez que lhe ocorreu que o homem parecia estar em todos os lugares onde ela estava. Ou talvez fosse um fã tímido, que se mantinha por perto até ganhar confiança para dizer que admirava o trabalho dela. Afinal, esse tipo de coisa realmente acontecia. Mas, à medida que o tempo passava e ela continuava a notar a presença dele – do lado de fora de uma galeria ou de um teatro, no mesmo vagão que ela –, uma sensação crescente de pavor se instaurou. Uma certeza de que a situação só iria piorar.

E a sensação se provou verdadeira. Na semana anterior, Adelaide estava no andar de cima de casa, fechando as cortinas do quarto, quando viu o homem sentado no muro do vizinho da frente, olhando fixamente na direção dela. Foi como se uma fronteira tivesse sido ultrapassada. O que ele queria?





– Aquele homem está lá fora de novo – disse ela a Remy.

Mas ele simplesmente afastou as cobertas, revelando o corpo nu, e disse:

– O único homem em quem você precisa pensar está aqui, meu bem.

Adelaide não é o tipo de mulher que se assusta com facilidade, mas foi difícil dormir naquela noite, imaginando quem seria aquele cara que a vigiava e qual seria seu próximo passo.

– Você deveria ligar para a polícia – insistiu Margie quando Adelaide lhe contou o que estava acontecendo, mas a sugestão parecia absurda demais para ser levada a sério.

– E o que vou dizer? Vão rir da minha cara. O homem não fez nada – protestou ela.

– *Ainda* não fez – retrucou Margie, em tom sombrio. – Tenha cuidado, Addie. Me promete.

Aquele “ainda” ressoa na cabeça de Adelaide como um presságio terrível, porque agora o homem está ali, na remota Little Bower, o lugar para onde ela sempre vai quando quer fugir de tudo. Antes parte de uma fazenda, se tornou um lar longe de casa para ela e para os amigos mais próximos, e o cômodo onde está é usado como ateliê compartilhado. É um local tranquilo, cercado de campos e sebes, com um braço sinuoso de rio próximo, onde Adelaide gosta de nadar nos dias quentes. À noite há corujas e morcegos, e o céu mais escuro que ela já viu, pontilhado pelo brilho das estrelas. Mas a tranquilidade de estar ali sozinha foi destruída, e a adrenalina disparou pelas veias de Adelaide enquanto ela escuta os passos nos degraus da escada. Olha ao redor – o salão empoeirado e bagunçado, tintas e pincéis espalhados pelas superfícies, o rádio tocando jazz – e se pergunta o que vai acontecer. Como vai acabar.

Adelaide sente o coração disparado. *Assuma o controle*, diz a si mesma. Os jornalistas que a entrevistam sempre a descrevem como feroz, como se ela fosse algum tipo de animal selvagem – chegou a hora de testar se é capaz de usar isso a seu favor. O homem aparece na porta, e Adelaide é tomada por uma onda de raiva.

– *O que* você pensa que está fazendo aqui? – grita, atravessando o ateliê.
– Responde logo!

O homem a encara, depois estica um dos braços para trás, para se apoiar na solidez do batente da porta, como se tivesse perdido a coragem. *Ótimo*.





– Srta. Fox... – começa ele, e se interrompe.

Adelaide se dá conta de que, até agora, nunca ouviu a voz dele. Também nunca esteve tão perto do homem – ele sempre se manteve à espreita, na visão periférica dela, uma figura nas sombras. Deduz que o homem tem 30 e poucos anos, reparando no cabelo castanho desgrenhado, nos olhos bem espaçados, no nariz grande e na pele do rosto marcada. Tem um quê de maltrapilho, desleixado. É um fracassado.

– *Então?* – Os olhos dela cintilam. – O que está acontecendo? Porque já cansei de ver você em todo lugar a que vou. E me recuso a continuar atuando isso, está me ouvindo? Este lugar é uma propriedade privada e você a invadiu.

– Eu...

Ele continua a encará-la. O efeito é perturbador.

– E aí?

O homem dá um passo até ela. O instinto diz a Adelaide para recuar, para manter distância, mas ela se força a se manter firme.

– Você não se lembra de mim? – pergunta o homem.

Adelaide não tem a menor ideia de quem ele é, do que está falando.

– Eu gostaria que você fosse embora – ordena. – Antes que eu chame a polícia.

Essa última frase é um blefe, claro. Não há telefone ali, nenhum meio de comunicação. Foi assim que eles sempre preferiram, é a forma como ela consegue trabalhar melhor. Ou pelo menos *era*, até hoje.

– Mas sou *eu* – insiste ele, em tom queixoso. – Da galeria.

– Que galeria? Do que está falando?

Adelaide abre e fecha as mãos ao lado do corpo, a adrenalina correndo ainda mais rápido nas veias. Não está gostando nada da situação.

– Nós nos amamos – diz o homem. Ele até enrubesce um pouco com a declaração, desviando os olhos dos dela. – Adelaide, você sabe disso.

Ele está delirando, então. *Será que isso o torna perigoso?*, pergunta-se ela, sentindo uma pontada de vulnerabilidade. Seria tarde demais para improvisar uma arma usando algum objeto?

– Sinto muito, mas está enganado – responde Adelaide com a maior frieza de que é capaz. – E sou uma pessoa muito ocupada, como tenho certeza de que você sabe, por isso, se não se importa...





– Só quero ficar com você – diz o homem, se aproximando.

Seus olhos estão úmidos, assim como a boca grande, de lábios vermelhos. Ele não vai tentar beijá-la, vai? Adelaide recua um passo, mesmo sem querer. Ele não iria realmente colocar as mãos nela ou machucá-la. Iria?

– Vai embora – ordena Adelaide, mas ele continua a se aproximar. O homem está sorrindo, parece feliz, e estende as mãos, sem tirar os olhos dela. Agora Adelaide está realmente assustada. – VAI EMBORA!

Então...

Adelaide acorda com um sobressalto. O pesadelo de novo. Ela pisca várias vezes e repara que Jean-Paul, seu cão da raça staffordshire bull, marrom e atarracado, está de pé no travesseiro ao lado dela, o hálito quente em seu rosto. O quarto toma forma ao seu redor – é de manhã cedo, e uma luz rosa suave se insinua pelas persianas. Adelaide acaricia o corpo compacto e musculoso do cachorro enquanto sua frequência cardíaca diminui aos poucos.

– Obrigada, querido – murmura ela, se sentindo reconfortada com a lealdade dele.

Adelaide vem sendo atormentada por esse mesmo pesadelo há anos, e nunca deixa de ser assustador. Em parte, é por isso que ela deseja ver aquele dia horrível registrado no papel, na esperança de enfim poder superá-lo. Daria tudo para se livrar desse fantasma de uma vez por todas.

* * *

Pouco depois, ela e Jean-Paul saem para o passeio habitual dos dois. É uma manhã dourada de verão em Paris, e a luz cintila nas janelas da Place des Vosges enquanto eles caminham sob as tílias. Isso não ajuda muito a manter a imagem de Adelaide como uma velha raposa difícil de lidar – as pessoas logo mudariam de ideia se vissem como ela é gentil com o cachorro. Ele tem uma excelente dieta de cortes selecionados da *boucherie* local e dorme na cama dela todas as noites (mandou fazer uma rampinha para ele subir até o colchão, agora que as pernas envelhecidas do cãozinho estão menos ágeis do que antes). Mas Jean-Paul merece tudo aquilo. Ela não tinha ideia de que era possível amar tanto um cachorro.

Este é o exercício físico diário dos dois: uma caminhada em diagonal,





passando pelo centro da praça, para que Jean-Paul possa aproveitar a grama, seguida de um circuito lento pelo entorno. Os garçons da *brasserie* fazem um cumprimento respeitoso com a cabeça para o cachorro e, de vez em quando, surgem com uma linguíça para ele ou tentam convencer Adelaide a se sentar por um instante para saborear um café espresso.

– Uma cortesia da nossa parte, madame! – adulam, embora ela sempre recuse.

Adelaide passa pelo hotel elegante e pelas galerias, pela casa de Victor Hugo e por todos os turistas que fazem fila com suas mochilas enormes e vozes altas. Às vezes – com menos frequência atualmente – ela ouve seu nome ser mencionado: *Ei! Não é a Adelaide Fox? Olha! É ela, não é?* Também já ouviu – de forma menos lisonjeira – os comentários que se seguem: *Espera, ela ainda está viva? Achei que tinha morrido!*

– Ainda não, meu bem – Adelaide gosta de responder, em tom sarcástico, só para ver a expressão de quem falou, seja de forma constrangida e contrita, seja de forma emocionada.

Não, ainda não, repete para si mesma no momento, embora às vezes se pergunte por que se preocupa em permanecer viva. A velhice – ela fará 80 anos em breve – não é para os fracos. Para ela, os últimos anos parecem as terras áridas de uma vida: um território sombrio, com poucos motivos para sair da cama. Se não fosse pelo cãozinho... Adelaide olha para Jean-Paul, que se deteve para farejar um banco com otimismo infalível. Certa vez, ele encontrou restos de uma baguete de presunto naquele local específico e sempre faz questão de voltar, apesar de ter se frustrado todas as vezes desde então. Pelo menos um dos dois ainda tem uma visão positiva da vida, supõe.

Uma garotinha se aproxima. Jean-Paul é um ímã para as meninas, até porque Adelaide fez uma coleira cintilante para ele, usando pedaços de plástico transparente colorido que parecem pedras preciosas. É uma bobagem, mas a faz sorrir. A menina está usando uma *legging* rosa de aparência barata, uma camiseta com estampa de flores amarelas e aqueles tênis brancos feiosos que têm luzes piscando no calcanhar. Um horror.

– Qual o nome do seu cachorro? – pergunta a criança em francês.

Adelaide lança um olhar intimidador para ela.

– Ele se chama “Eu como criancinhas” – responde em tom severo e se





afasta com Jean-Paul, mas não sem antes ver o rosto da criança se contorcer de horror.

Bem feito para ela. Talvez a partir de agora pense duas vezes antes de falar com estranhos.

Adelaide ouve o choro alto, mas não olha para trás. Ela é uma artista, isto é o que sempre fez: cria um instante, um impacto, um drama. Ao longo dos anos, seu trabalho forçou as pessoas a verem o mundo com outros olhos – e, se seu livro de memórias algum dia sair do papel, fará o mesmo.

Ela franze a testa ao pensar nesse projeto aparentemente condenado ao esquecimento. Houve muitos editores farejando suas histórias ao longo dos anos, mas Adelaide manteve um silêncio arrogante – afinal, toda mulher tem segredos. Então, seis meses atrás, foi publicada no *Le Monde* uma matéria brutal, em que o jornalista basicamente descartava o trabalho da vida de Adelaide, julgando-o infantil e narcisista. Magoada, ela não excluiu imediatamente o e-mail persuasivo que chegou no mesmo dia, por acaso, de mais um editor. *Adoraríamos ajudá-la a contar a sua história com as próprias palavras, ofertava. Remy contou a versão dele da história, mas e a sua? Não gostaria de esclarecer as coisas?*

Mais tarde, enquanto se dedicava a desenhar furiosamente o jornalista do *Le Monde* em um instrumento de tortura com vários lápis enfiados nos olhos – você não parece mais tão presunçoso agora, não é mesmo, meu caro? –, Adelaide refletiu sobre as muitas fantasias de vingança que já havia capturado com tintas ou carvão ao longo dos anos, sobre como era catártico se vingar com seus pincéis. Talvez pudesse haver alguma vantagem naquela história de livro de memórias, no fim das contas. Uma nova arma para abater seus agressores. *A arte da vingança*, é como chama o livro mentalmente, e o título parece satisfatoriamente adequado.

Seu sobrinho, Lucas, um advogado corporativo, vem sendo bem útil com o contrato e a papelada. Além disso, após uma recente demissão, alugou um apartamento perto de Adelaide, para ajudá-la não só com a contratação de um *ghost-writer* como também com a triagem do arquivo de obras dela e da documentação associada até então negligenciada. Com um pouco de sorte, talvez consigam organizar uma nova exposição para coincidir com a publicação do livro – ou essa era a ideia inicial.

Infelizmente, nenhuma das tarefas vem se revelando simples. É impres-





sionante o número de pessoas irritantes que eles conheceram e descartaram na busca por um escritor decente – pessoas que reclamavam das condições de trabalho, que discordavam de Adelaide sobre o conteúdo e sobre o foco do texto... Foi um prazer se livrar delas. Aquelas pessoas mal são dignas de dizer o nome de Adelaide em voz alta, menos ainda de serem encarregadas de contar sua história de vida para o mundo. Quanto ao arquivo, vale apenas dizer que Lucas tem muito trabalho pela frente. Como é uma pessoa metódica e meticulosa por natureza, ficou vários minutos sem palavras quando foi apresentado às salas de Belleville repletas de décadas da arte de Adelaide, além das pilhas de correspondência e outros documentos.

– Isso vai manter você ocupado – disse a tia com encorajamento, antes de tropeçar em uma pilha de telas e provocar uma crise de tosse nos dois com a nuvem de poeira que se ergueu e rodopiou até seus rostos.

Adelaide passa pela *brasserie* – está quase em casa – e Jean-Paul faz uma pausa para beber água, com o habitual entusiasmo espalhafatoso, na tigela de metal que os garçons sempre deixam ali para uso dos cachorros. O joelho irritante está começando a doer, o quadril também – o corpo dela parece protestar a cada passo.

– Rápido, Jean-Paul – diz ao cachorro, porque às vezes Adelaide tem a sensação de que vai travar como uma máquina velha e enferrujada se parar de se mover por muito tempo. – Vamos para casa, vem.

Para casa, ou seja, para o apartamento silencioso, com as lembranças e os segredos, e com os rancores que ardem silenciosamente, em fogo baixo. *Mas não por muito tempo*, diz Adelaide a si mesma ao chegar à porta e procurar a chave. Depois que escolher um *ghost-writer* que esteja realmente à altura da tarefa, todas as histórias virão à tona, abrasadoras, fazendo arder as páginas em que serão contadas. Então, ninguém mais terá dúvidas se ela ainda está viva ou não. Porque a vida dela – e daqueles que a cruzaram – vai dominar todas as conversas.





Capítulo Dois

Jess Bright está sentada no Eurostar, que já começa a sair da estação (próxima parada, Paris!), e não consegue conter a sensação de que a qualquer minuto uma mão pesada vai apertar seu ombro – um fiscal do trem ou até mesmo um policial – e ela vai ouvir as temidas palavras:

– Com licença, madame. Parece que a senhora está na vida errada.

Ela tem 47 anos e a síndrome do impostor continua profundamente arraigada. Se a cortassem ao meio, encontrariam impressas, do começo ao fim, as palavras “Na verdade, não é tão boa assim”. Ela é jornalista freelance e mãe solo de três filhas adolescentes, nada tem de especial. Mas hoje, para a surpresa de todos, Jess está a caminho de Paris para conhecer a famosa Adelaide Fox, na esperança de escrever as memórias da artista. É seu trabalho dos sonhos. Será que isso está mesmo acontecendo? Por mais incrível que pareça, pelo jeito a resposta é sim.

Ela franze os lábios quando se lembra da reação do ex-marido à novidade, na semana passada.

– Sem querer ofender, mas por que acha que ela convidou você? – perguntou ele em voz alta quando Jess mencionou a oportunidade.

Sem querer ofender, David, mas por que você acha que eu não quero mais estar casada com você?, ela sentiu vontade de retrucar. (Mas não retrucou. Veja só como tinha evoluído! Além do mais, precisava estar em paz com David para que ele ficasse com as meninas enquanto Jess estivesse fora.) Por isso, ela se limitou a calmamente lembrar ao ex-marido que, anos antes, quando Mia ainda era um embrião em seu ventre, Jess tinha entrevistado a artista reclusa para o jornal de domingo em que trabalhava na época.





– E, agora que Adelaide quer escrever um livro de memórias, o sobrinho dela entrou em contato para perguntar se eu estaria interessada no trabalho – completou Jess.

Engole essa, David.

Por Deus, como ela tinha amado aquele antigo emprego... Era jornalista da área de cultura, e sua vida era um turbilhão de inaugurações de exposições, entrevistas com autores e estreias de filmes. Jess tinha influência naquela época, estava fazendo seu nome. Mas então se tornou mãe – primeiro de Mia, depois de Edie e, por fim, de Polly – e passou a trabalhar como freelancer, pegando um trabalho aqui, outro ali, sempre que podia. Ela escrevia há anos uma coluna de conselhos em um dos jornais de Kent (“Olhando pelo lado bom”), além de uma coluna sobre criação de filhos para a *Glorious*, uma revista mensal (“Mamãe tem a palavra! Mensagens da linha de frente da maternidade”). Muito bem, é verdade que comitês de prêmios jornalísticos não estão batendo à sua porta, mas ela havia conseguido seguir em frente. Quer dizer, até mês passado, quando a revista *Glorious* decidiu adotar um modelo exclusivamente digital e dispensou vários dos fiéis colunistas. Esse foi o fim das mensagens da linha de frente da maternidade de Jess. (“Graças a Deus!”, exclamou Mia em tom teatral quando Jess deu a notícia durante o jantar. “Não aguento mais ser chamada de ‘piolhenta’ depois que as pessoas descobrem aquela história dos piolhos.”)

As filhas sempre reclamaram porque Jess compartilhava mensalmente as travessuras delas como conteúdo humorístico, mas a verdade é que a coluna cobria grande parte das despesas que, no cenário pós-separação, não são poucas. Além do mais, a maior parte dessas colunas acabava sendo criação ficcional. Jess jamais mencionou a série de ataques de pânico de Mia antes das provas do último verão, nem as amizades infelizes e tóxicas com que Edie vive se envolvendo, nem mesmo a revelação desagradável de que Polly andara roubando pertences de colegas de classe por dois períodos inteiros no sexto ano. Bom, isso não importa: Jess se sente profundamente grata pela sorte de ter recebido o e-mail de Lucas Brockes, sobrinho de Adelaide, falando sobre o livro de memórias. Se tudo der certo, isso é o que salvará Jess e as filhas da miséria iminente. Será que Jess estaria disposta a ir a Paris, com hospedagem inclusa, para trabalhar com Adelaide em um livro de memórias – a princípio durante um período de experiência





de uma semana, com a possibilidade de voltar e ficar por um mês? Claro que sim, Lucas!

Ao que parece, o destino está sorrindo para Jess pela primeira vez – se ela estiver à altura do trabalho, é claro. Escrever uma biografia séria é meio que um salto de qualidade em relação às suas colunas de mãe e de conselho sentimental, certo? Jess não consegue deixar de se sentir um pouco... bem, enferrujada, por um lado. E intimidada, por outro.

– Eu tenho uma ideia – disse David, anos atrás, quando ela estava na primeira licença-maternidade. – Coloco a minha carreira em primeiro lugar enquanto você tira um tempo, passa alguns anos sem trabalhar. Aí você pode fazer o mesmo quando estiver pronta para voltar ao trabalho, e vou apoiar seja qual for o sonho que você tenha.

David é jornalista esportivo e, no momento em que deu a sugestão, estava ansioso para acompanhar um colega mais velho em uma viagem à Austrália, para cobrir o torneio Ashes de críquete – e provavelmente mais ansioso ainda para escapar por quatro semanas, enquanto Jess se virava sozinha para cuidar de um bebê de 3 meses que odiava dormir. Mas a oferta de ter uma oportunidade semelhante mais adiante, para ir atrás das próprias ambições, a fez aceitar. Jess fantasiou que um dia conseguiria aproveitar o tempo prometido, sem culpa, e trabalhar em algo de fato significativo. Um romance erudito e emocionante, talvez na disputa por numerosos prêmios literários. Um roteiro incrível que a faria ser cortejada por diretores de Hollywood, cercada de gente bonita. Ou um conjunto contundente de investigações jornalísticas que mudariam a sociedade para melhor – seu legado para o mundo.

Só que nada disso aconteceu. Havia sempre algo mais urgente que os impedia de colocar a carreira de Jess no centro das atenções: vários problemas com as meninas; os pais de David adoecendo um após o outro; os torneios de críquete no exterior que ele era obrigado por contrato a cobrir à medida que ficava cada vez mais conhecido. *Ainda não é o momento certo*, dizia David, se desculpando, e depois da separação Jess começou a acreditar que aquele indescritível e misterioso “momento certo” nunca chegaria. Mas será que enfim chegou a vez de Jess? E se esse for o trabalho que vai mudar tudo?

Ela toma um gole de café, observando a paisagem rural de Kent passar





pela janela, e se pega recordando a promoção para a qual se candidatou certa vez quando trabalhava no jornal de domingo, lembrando como andara pelo corredor após a entrevista, acreditando que tudo tinha corrido muito bem. Porém, depois de se dar conta, constrangida, de que havia deixado a bolsa para trás, Jess voltou e chegou à sala de entrevista bem a tempo de ouvir a chefe, Lucinda, e a funcionária do RH, Maxine, falando sobre ela. *O problema com a Jess*, dizia Lucinda, *é que ela é pouco refinada. Será que tem a seriedade necessária para conquistar a credibilidade dos nossos leitores?*

Desde então, essas palavras estão gravadas em sua mente, impossíveis de esquecer. Mas imagine se ela for aceita para escrever as memórias de Adelaide, e o livro for publicado em uma edição linda e sofisticada? Se isso acontecer, na primeira oportunidade ela irá até a seção de cultura do jornal onde trabalhava para entregar um exemplar à antiga chefe. *Isso é refinado o bastante para você, meu bem?*, dirá, soltando o livro na mesa de Lucinda com um baque surdo. Meu Deus, vai ser um momento lindo!

Jess volta a checar suas anotações, tomada por uma determinação renovada. Ela vai trabalhar muito para aproveitar essa oportunidade. “O trabalho árduo é o ingresso de vocês para uma vida boa”, gosta de dizer às filhas, embora, infelizmente, nenhuma das três pareça disposta a levar o conselho a sério. Mia prefere sair com um bando de amigos escandalosos (“sua galera”) e Edie é capaz de passar horas deitada na cama vendo vídeos no YouTube. Já Polly é inteligente e tem raciocínio rápido, então faz o dever de casa com o mínimo de esforço possível. “Pronto!”, costuma cantarolar, fechando o caderno e jogando-o no chão com alívio evidente.

Jess pega uma caneta na bolsa e sublinha algumas palavras em suas anotações.

– Adelaide Fox? Aquela feminista que fazia parte de um grupo muito legal de mulheres artistas, né? Não foi ela que destruiu a exposição do marido em Berlim ou coisa parecida? – indagou sua amiga Becky, quando Jess lhe contou sobre a proposta de trabalho.

Mas há muito mais em Adelaide além disso. De acordo com a pesquisa de Jess, a artista deixou a casa dos pais e a escola aos 16 anos e se mudou para uma ocupação com um grupo de amigos, então fez o próprio nome aos 20 anos com uma série inovadora chamada “Trabalho”. Adelaide se





tornou uma figura-chave no movimento London Bohemian, um coletivo de mulheres na vanguarda da onda de contracultura dos anos 1960, que se tornaram notáveis artistas conceituais, designers e escultoras, transitando por círculos underground radicais.

Depois disso, há algumas lacunas nas versões on-line da biografia de Adelaide. Na pesquisa que fez para a entrevista anterior, Jess encontrou vários boatos sobre a artista: casos amorosos tempestuosos, um filho misterioso, vícios e um desentendimento qualquer com Margie Flint, uma colega – ao que parece, as duas ainda não se falam, mesmo tantos anos depois. Há também um período passado em Berlim (um colapso nervoso?), além do misterioso suicídio de um homem em uma casa no campo que era usada como ateliê pelas Bohemians.

Adelaide é um enigma há décadas. Apesar dos numerosos artigos e entrevistas, de alguma forma sempre conseguiu transitar entre perguntas sem nunca revelar muito. Quando Jess a conheceu, a artista se mostrou uma pessoa interessante e animada, mas disposta a falar apenas sobre sua exposição na Tate e pouco além disso. Ela também pareceu meio irritada, a princípio, ao descobrir que a entrevista seria conduzida por uma repórter júnior (Jess), e não pela jornalista principal de cultura do jornal, como prometido (Lucinda infelizmente estava com uma crise de gastroenterite). Verdade seja dita: Jess falou que ela “não conseguia sair do trono” para tentar explicar por que a chefe *realmente* não podia estar presente. (Pensando bem, talvez isso tenha sido pouco solidário de sua parte, mas ao menos Lucinda nunca saberia.)

– Uau, que vida – disse Becky depois de ouvir as histórias. – Você tem que conseguir a vaga, Jess. Uma viagem de trabalho a Paris, sua sortuda! Cuidado, vou começar a odiar você se isso ficar ainda melhor.

Apesar do incentivo de Becky, Jess teve algum receio de passar tanto tempo fora de casa. A sensação piorou quando, na manhã seguinte, viu aquele garoto, Zach, saindo inesperadamente do quarto de Mia, que só tem 17 anos (“Meu Deus, mãe, a gente é só amigo, não me olha desse jeito!”), sem falar na tornozeleira de ouro que recentemente encontrou no bolso da saia de Polly e que definitivamente não pertence à filha (“Ganhei de *presente*, mãe, não estou mentindo!”). No entanto, por mais estranho que pareça, ela agora está no trem e os receios ficam para trás como folhas ao vento. Vai





ser como reviver o ano sabático que passou em Paris depois da universidade, pensa Jess, feliz: a liberdade deliciosa de fazer exatamente o que quer no tempo livre. Longas caminhadas noturnas pelas ruas antigas enquanto as *brasseries* se enchem de clientes, a Sacré-Coeur cintilando como uma linda pérola na encosta escura, as luzes brilhando na Torre Eiffel para um milhão de fotos turísticas...

E todo mundo vai ficar perfeitamente bem sem ela por alguns dias, lembra a si mesma. Becky prometeu alimentar a gata Albertine, e as meninas vão estar seguras com David. Além disso, ele já trabalhou no exterior inúmeras vezes, e ela teve que se virar sozinha. Jess se pega lembrando de novo do trabalho árduo dessas semanas, só ela e uma bebezinha que não dormia, enquanto o marido aproveitava a vida em Brisbane. *Está incrível aqui!*, dizia ele nas mensagens que mandava periodicamente, e Jess ficava com vontade de jogar o celular pela janela. David realmente deve *muito* a ela.

– *Mesdames et messieurs* – diz o sistema de som do trem. – *Nous arrivons à Paris maintenant.*

No momento, Jess sente uma onda de emoção percorrer todo o seu corpo. Está acontecendo. Está mesmo acontecendo!

* * *

É claro que Jess já esteve em Paris com David e as meninas em vários momentos ao longo dos anos – viagens de fim de semana, férias na Disneyland Paris, estadas de alguns dias na cidade a caminho de acampamentos mais ao sul –, mas naquelas ocasiões estava sempre cuidando de outras pessoas. Eram os desejos e as necessidades dos outros que tinham prioridade: ver o Mickey em vez de dar um passeio tranquilo pelo Louvre, por exemplo. A insistência de David para que subissem pela escada da Torre Eiffel, em protesto contra os preços do elevador, quando a preferência de Jess teria sido não apenas pegar o elevador, como também esbanjar em uma taça de champanhe cara no topo do monumento.

Agora ali está ela, chegando sozinha à cidade, deslizando a mala pela plataforma, sentindo um arrepio causado pela mais pura alegria. Jess passa rápido pela catraca e entra na estação como se nunca tivesse ido embora, com imagens de si mesma aos 22 anos caminhando a seu lado. Aquele tinha





sido um período muito feliz de sua vida – recém-formada, determinada a aproveitar algum tempo no exterior antes de pensar em algo mais adulto, como encontrar um emprego decente. Ela trabalhou por um período em uma sorveteria (quem diria que era possível enjoar de sorvete?) e depois conseguiu um emprego como camareira em um hotel elegante no chique 6º *arrondissement*, perto do Jardim de Luxemburgo. E se apaixonara por Georges, um homem mais velho e bonito que a instruíra em relação a tudo o que havia de mais interessante – principalmente nos quesitos sexuais, mas também a levou à ópera e ao balé no Palais Garnier e lhe ensinou sobre o vinho francês. Jess frequentou bares decrépitos com a nova amiga, Pascale, e dominou a arte de andar de bicicleta em ruas de paralelepípedos, além de ter aperfeiçoado seu francês – incluindo a habilidade de dar de ombros e gesticular.

Além de fazer Jess assinar um contrato e um acordo de confidencialidade, o sobrinho de Adelaide, Lucas, também providenciou acomodação em um hotel no bairro do Marais, então ela pega o metrô até chegar à estação Saint-Paul. Na saída, o calor da cidade envolve sua pele enquanto ela olha ao redor para se orientar. Parece um sonho admirar de novo os edifícios elegantes, cor de marfim, com suas venezianas e varandas, os cafés e as tabacarias com toldos, o carrossel infantil girando ao som de uma música alegre em uma área central pavimentada bem à sua frente. Um casal toma champagne em taças de haste longa em um bar do outro lado da rua; ciclistas passam, os pés ágeis nos pedais; mulheres de terninhos chiques e óculos escuros deixam rastros de perfume de angélica por onde passam.

Oi, Paris, sua linda, pensa Jess, sentindo-se momentaneamente impactada com tudo. Mesmo se o trabalho acabar sendo só um bico de uma semana, parece o melhor tipo de presente, daqueles de que ela não sabia que precisava até agora. Ela checa o mapa no celular, se vira e começa a andar.

O hotel fica em um encantador edifício antigo, em uma rua tranquila, a dez minutos do metrô. Há buquês de flores de cerejeira ao redor da porta da frente – artificiais, obviamente, mas ainda assim o efeito é muito bonito. Por acaso, o quarto dela fica no último andar.

– Peço desculpas, madame, mas o elevador não está funcionando – diz o homem atrás do balcão da recepção enquanto lhe entrega a chave com um movimento expressivo das sobrancelhas escuras.





O homem parece determinado a falar com ela em um inglês com sotaque forte, embora Jess só tenha falado com ele em francês, e com uma fluência que considera bastante decente. Além disso, ela é inquestionavelmente uma “madame” agora, percebe, e não consegue impedir uma pontada de nostalgia por seus dias de “mademoiselle”, mas então diz a si mesma que está sendo ridícula.

Depois de subir com a mala os cinco lances da escada antiga e já bastante gasta, Jess chega ao quarto suando. Porém, ao abrir a porta, vê o lindo sótão pintado de branco com vigas de carvalho no teto, persianas na janela e um minúsculo banheiro privativo, e logo esquece o cansaço. Ela larga a mala e corre até a janela, que dá para uma pequena praça de paralelepípedos com árvores e bancos no centro, rodeada pelo que parecem ser uma *crêperie*, uma *boulangerie* e uma *brasserie*. Há guarda-sóis com o logotipo do refrigerante Orangina do lado de fora de um café, e dá para ouvir música e vozes, risos de crianças, o zumbido de uma lambreta próxima... *É perfeito*, pensa, quase chorando com a súbita onda de felicidade que a invade.

Cheguei bem. Essa é a vista do meu quarto!, diz ela, mandando uma foto da janela para as meninas. *Tudo bem aí em casa? Estão sobrevivendo sem mim?*

BONJOUR, PARIS!, manda para Becky junto com emojis da bandeira francesa, de um croissant, de uma baguete, de uma garrafa de vinho e da Torre Eiffel. *Cheguei!*

Depois, ela não resiste e manda a foto também para a mãe, Samantha. *De volta a Paris para um trabalho de uma semana – vou entrevistar uma artista famosa*, conta ela, com uma indiferença estudada. Jess aperta “Enviar”, tentando não se retrair diante da própria carência. O que isso diz sobre ela... uma mulher de mais de 40 anos, ainda buscando a aprovação da mãe? Pensando bem, é melhor nem pensar a respeito.

– Ah, meu bem... – disse Samantha, quando Jess lhe contou que perdeu a coluna “Mamãe tem a palavra!”. – Essa é uma profissão tão instável, não é? Tão precária!

Sim. Muito inconstante e precária em comparação com medicina, a carreira escolhida pelo irmão de Jess, Owen.

“Meu filho é médico, sabe?” sempre foi o bordão de Samantha Stanton;





é surpreendente que ainda não tenha mandado imprimir as palavras em uma camiseta. O menino de ouro Owen estudou medicina em Newcastle, onde ainda mora. Agora o Dr. Stanton, um ortopedista, é casado com Deanna, uma geriatra, e eles têm dois filhos pequenos. Praticamente no instante em que Deanna anunciou que estava grávida, a mãe de Jess já começou a esvaziar a casa em Gravesend, onde Owen e Jess cresceram, e logo colocou a propriedade à venda para poder se mudar para perto deles, no norte.

Hoje a casa de Samantha fica a cinco minutos da elegante rua residencial do filho, onde vivem médicos e advogados. Ela mora em uma propriedade recém-construída, e um dos quartos impecáveis é descrito como “o quarto dos meninos”, e sobre a lareira são expostas fotos de Jake e Ollie, as estrelas em torno das quais o mundo da mãe de Jess gira.

– Aqueles meninos me deram uma vida totalmente nova! – Samantha gosta de dizer, até mesmo para Jess, cujas três filhas maravilhosas mal recebem atenção da avó.

Jess está sempre com a sensação de que ainda tem 7 anos e está se roendo de ciúmes da bicicleta cintilante que o irmão ganhou de Natal. No mesmo ano, ela recebeu apenas uma boneca de plástico com cabelo de náilon flexível e um olho que nunca fechava direito, de forma que sempre parecia piscar de um jeito sarcástico. *Sim*, parecia dizer aquela piscadela. *Mau negócio. Nós duas sabemos disso, garota.*

As filhas não responderam – talvez David as tenha levado ao Nando's e ao cinema para assistir ao último filme da Marvel, e todas agora queiram viver com ele o ano todo em vez de morar com a mãe velha e chata. Eles ainda estão tentando encontrar o caminho ideal como uma família de pais separados, mas não está sendo fácil. Depois de toda a questão com Bella, Jess tinha se esforçado ao máximo para fazer o casamento arruinado funcionar, para os dois continuarem juntos, mas seu amor-próprio se esvaiu. Ela não conseguia dormir, sentia que estava enlouquecendo e desatava a chorar em intervalos regulares. Então, no mês de maio, quando faltavam duas semanas para completarem vinte anos juntos, Jess decidiu que o relacionamento vinha agonizando havia tanto tempo que já estava além da reanimação. David chorou e prometeu mudar, mas ambos sabiam que ele não era capaz. As meninas ainda se ressentem por acharem que





Jess desmembrou a família. “Pelo amor de Deus, mãe, por que não sabota logo as minhas provas finais também?”, reclamou Mia amargamente na época, enquanto Edie, pelo que pareceram meses a fio, respondeu a todas as reclamações ou críticas com um estridente “Meus pais são separados, me deixa!”. Essa situação faz a culpa atormentar Jess todos os dias, mas ela se mantém firme em sua decisão. É melhor assim.

Sentada na cama, olhando para a tela estática do telefone, ela tem um súbito instante de clareza. Não é disso que se trata sua viagem a Paris, não é mesmo? São quatro da tarde e ela só precisa se encontrar com Adelaide amanhã – o resto do dia é todo dela. Primeiro vai se refrescar rapidamente. E mudar de roupa. Depois vai retocar o batom, borrifar perfume nos pulsos e se aventurar pelas ruas ensolaradas que vai chamar de lar ao longo da próxima semana. Ou por mais tempo, se der a cartada certa. Vai tomar um café espresso e ficar vendo o mundo acontecer enquanto escolhe sem pressa em que restaurante jantar mais tarde.

É disso que se trata. A aventura em Paris está começando.





CONHEÇA OS LIVROS DE LUCY DIAMOND

A casa dos novos começos

O café da praia

Os segredos da felicidade

Uma noite na Itália

Minha querida Paris

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

